

as populações indígenas pela conversão, isto é, “pelo elemento espiritual”, os jesuítas, entretanto, não abandonam sua tarefa, integrando-as como “instrumento de trabalho e de guerra”. “Verificada a vacuidade da catequese, como instrumento de conversão, os jesuítas continuaram a trabalhar com o indígena, fazendo dêle, principalmente, seu auxiliar na atividade econômica das granjas, armazéns, currais, pescarias, fazendas, etc., que deviam manter os colégios não mais para catequistas — pois que o seu objeto rareava dia a dia — mas seminários para filhos de portugueses e brasileiros” (pág. 168). Isso permite ao Autor afirmar, à guisa de conclusão, que “se há uma história a ser contada, é útil, para saber-se até onde o índio pode colaborar para a civilização e a história do Brasil, no que os jesuítas tiveram de interferência política e econômica — e não somente catequista e espiritual — que precisa ser escrita”.

Apesar do valor desigual dos argumentos apresentados, o livro têm o mérito de colocar em nova perspectiva um problema de grande interêsse antropológico.

*Amadeu Duarte Lanna*

B. HOLAS: *Les Sénoufo (y compris les Minianka)*. Monographies ethnologiques africaines. 183 págs. Presses Universitaires de France. Paris, 1957.

A intenção dêste trabalho é oferecer uma descrição das populações de que trata, e por êste motivo segue o mesmo plano desenvolvido em outras monografias da série. Como trabalho descritivo é dos mais rigorosos, permitindo uma visão geral do tipo de ocupação da terra desenvolvida por êstes povos e dos vários aspectos que caracterizam sua cultura.

Segundo o plano já estabelecido para a série em que se enquadra, divide-se em 5 partes, a saber:

I — Ambiente físico; II — Ambiente humano; III — Vida material; IV — Vida social e V — Vida espiritual.

Infelizmente não se pode perceber as interrelações entre os aspectos tratados nestas diferentes partes, e por isso não se tem uma visão global da cultural estudada.

A vida econômica, por exemplo, é descrita nas várias formas de aproveitamento dos recursos naturais, mas não se percebem as interrelações dessas técnicas com outros aspectos da cultura que são objeto de capítulos diferentes.

O problema da mudança cultural não é abordado nem mesmo naqueles momentos em que se descrevem certas técnicas ou padrões visivelmente importados e que são parte das práticas das respectivas populações. Não há qualquer consideração quanto aos mecanismos que permitiram a aceitação.

Porém, se se admite, como o Autor, que monografias dêste tipo são necessárias para que se possa posteriormente chegar a resultados “mais vastos e aprofundados” (pág. 81), o trabalho só merece elogios, porque como descrição é cuidadoso e sugestivo. Como se pode avaliar pela bibliografia arrolada às págs. 173-176, são poucos os trabalhos que se referem aos povos de que trata o livro, que, assim, vem preencher uma lacuna, oferecendo um quadro geral, elaborado com rigoroso espírito científico. Nestas condições, justifica-se a preocupação em apenas descrever as culturas, para depois melhor compreendê-las, uma vez que mesmo êsse primeiro passo estava por dar.

*Ruth Corrêa Leite Cardoso*